

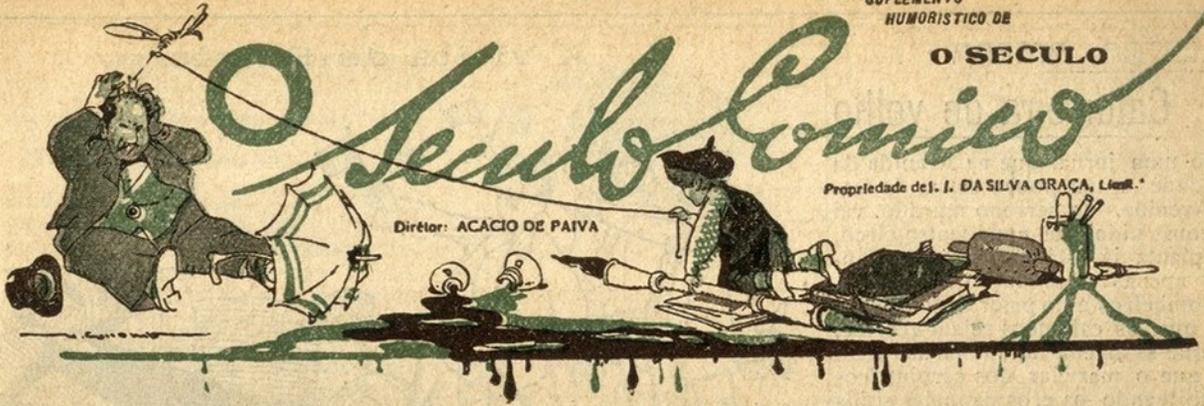
SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

O Seculo Comic

Propriedade de: J. DA SILVA GRACA, Litter.

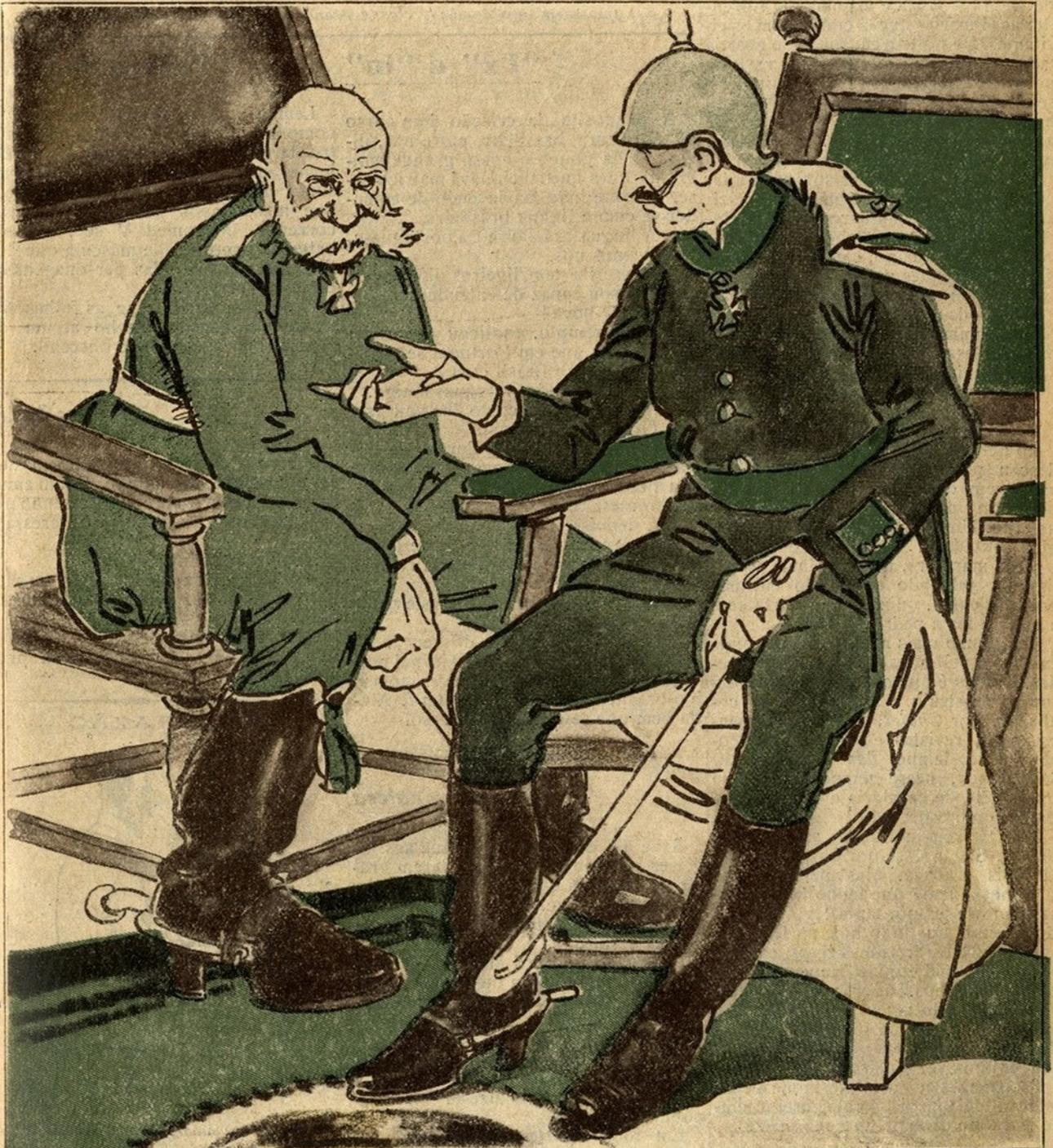
Director: ACACIO DE PAIVA



EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS - RUA DO SEculo, 43 - LISBOA

TUDO EM GUERRA



- Camarada, por este andar acabamos por declarar guerra um ao outro.

PALESTRA AMENA

Catureira de velho

Leio num jornal que na Avenida da Liberdade e um pouco acima do teatro Avenida, no terreno murado, vai ser construído um novo teatro-circo, cuja planta já está pronta, aguardando-se apenas a aprovação da câmara, dos bombeiros e do prior da freguesia, para que os caboucos sejam abertos, para que as alvenarias subam aos ares, para que o martelar dos carpinteiros vá habituando os ecos daqueles sítios aos rumores das futuras pateadas.

Leio isto e pasmo. Eu sou do tempo em que Lisboa acabava na travessa das Vacas e em que, na hoje rua Barata Salgueiro havia uma quinta com frades de pedra á porta e argolas para prender as al marias que lá conduziam os visitantes. De noite a canzoada de guarda ladrava, sentiam-se bicharocos rastejar por entre a vegetação rasteira e eninguem se atrevia a passar por ali depois das 10 horas da noite sem o Crêdo na boca e a mão direita a apertar, na algeibera das calças, a coronha dum revolver.

Onde está hoje o restaurante Vigia, com luz electrica, campainhas electricas e ceias com mulheres tambem electricas, havia uma taberna onde se vendia vinho a copo, chamado do bandedulho do freguês por ovos cozidos que repousavam no balcão em pratos com sal. Ainda conheci essa taberna, onde entrei numa noite com Alfredo Keil e Julio Cesar Machado. Era a um sabbado. Fugiu um toiro dos que vinham para a praça do Campo de Sant'Ana, onde actualmente o dr. Gentil mantém a tradição do Calabacão metendo ferros no pêlo do bicho-homem. O animal

desceu pelo Lavra onde havia um elevador em cada par de pernas que subia a ingeme ladeira e houve panico no sítio. Um homem que estava no Vigia, sentado a uma grande mesa de tãça de marmore, num gabinete estreitissimo, julgando que o boi entraria por ali dentro, quiz tapar a porta com a mesa e fez a pedra em cacos.

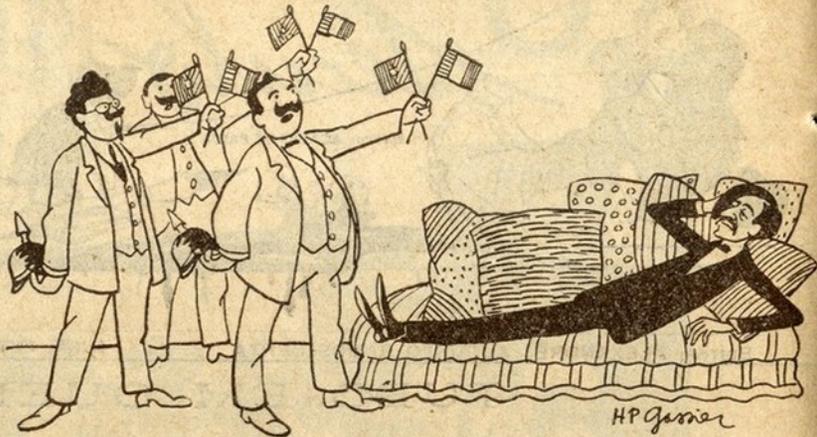
Um pouco mais a baixo, o sítio onde existiu o velho teatro da Rua dos Condes. Depois é que o Araujo do guarda-roupa construiu a barraca que foi conhecida por *Chalet*, onde se re-resentaram as revistas e parodias de Jacobetty No tempo das revistas! Ah, Schwalbach, nesse tempo ainda você era cadete de cavalaria e só aturava o teatro como espectador!

Mas deixem-me deter as recordações... Se eu fosse por aqui fóra nunca mais acabava. Mas perm tam me que lhes afirme que tenho tantas saudades desse tempo, tanta !... Tantas e tão intensas que: indo hoje ao teatro, o que me succede rarrissimas veses, exacerbasse-me o mal e quasi me veem as lagrimas aos olhos. Isto era pobrinho, era. Mas tinha tudo um ar tão familiar, tão amigo, tão á vontade, todos nós eramos tão amaveis uns com os outros quando não eramos ver ladeiros amigos...

Paciência! Paciência! Resta-me a consolação de que já não chegarei a tempo para me divertir no novo teatro...

João Ripanso.

A visita de Barrès



A talassaria luso-alemã: — Vive la France!

"Ex" e "in"

A proposito da criação dum curso de literatura brasileira entre nós, dizia-nos ha pouco o nosso grande amigo Marques que tencionava matricular-se, porque não havia meio de entender-se com a lingua brasileira...

— A lingua brasileira é a portuguesa, observámos nós.

— A escrita tem ligeiras diferenças, que não sou capaz de entender.

— Essa é nova!

— Por exemplo, explicou o homem: ha palavras que em Portugal se escrevem com *e* e no Brasil com *i*.

— Está enganado, Marques amigo.

— Não estou tal como lhe vou provar. Ora leia este jornal.

E mostrou-nos num jornal de Lisboa, uma noticia que começava assim: "Partiram para o Rio de Janeiro 200 emigrantes..."

— E depois?

— E depois, leia agora neste jornal do Rio de Janeiro esta noticia relativa aos mesmos emigrantes.

Lemos: "Chegaram hoje a este porto 200 imigrantes..."

— Então? não vemos a diferença.

— E' porque está cego. O jornal português chamou-lhes *emigrantes*, com *e*, e o brasileiro *imigrantes*, com *i*. Ainda bem que se vai abrir o curso!

Gracinha inglesa

Saberão os cavalheiros que aos ingleses quando lhes dá para terem gracinha, teem-na a va'er. Não são como os alemães, que não teem graça nenhuma e por isso todo o mundo os manda despir.

Conta-se que Lord Money, governador de uma colonia inglesa e tolo de nascença, para adular o seu soberano, lhe disse, falando do cavallo favorito do monarca:

— Senho', que carreira tão bonita que fez esse animal!

— Melhor carreira fizeste tu, — respondeu o rei.

Em toda a parte se pode responder assim. Até em algumas republicas.

Poema imperial

Lemos que o sultão Mahomed V compoz um poema dedicado ao ministro da guerra, Enver-pachá. Não diz o jornal que inseria a nova, qual o assunto do poema, mas é bem de supôr que nos tempos guerreiros que vão correndo, Mahomed V se inspirasse nalguma propriedade mascula que distinguia o ministro das personagens da côrte do sultão.

Expli-a-se assim que as folhas não tenham transcrito trecho algum do poema. Provavelmente é obsceno.

Marques Junior

Um petiz do Marques tambem deu em engraçado, co' tadinho. E' um amor de criança e não abre a boca senão para dizer as coisas mais interessantes.

Hontem perguntaram-lhe: — O' Zeca, se a mamã te der um vinho e o papá dez réis, com quanto ficas?

— Com uma miseria. Isto é que é uma criança para prometer!

UMA RAZÃO



— Maria, meu amor, aprenderás por fim a amar-me!

— E' possível... Não aprendi eu o alemão?

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para os alunos dos liceus)

O corpo humano—O nariz

Embora se afirme que não é feição, a verdade é que o nariz muito contribue no corpo para a «harmonia do conjunto», como se se reve nas criticas das peças teatraes a respeito dos artistas de quem por qualquer motivo, se não quer dizer mal.

Que o corpo, a cara, principalmente, seria desharmonica se não tivesse nariz, parece-me i cont stavel. Habitudo o homem a espirrar, a assoar-se, a pôr luneta, etc. como poderia ele exercer taes funções se não possuísse o apêndice nasal? Havia, por exemplo, de espirrar com a boca, de assoar as orelhas de cavalgar a luneta no queixo? Só o enunciar esta hipotese, ao que vejo, faz rir o auditorio.

Assente, pois, e n que o nariz não é superfluo, direi mais que é um genero de primeira necessidade e chega a dar ao dono uma tal ou qual nob eza; todos sabem que o homem verdadeiramente digno é senhor do seu nariz e que a dignidade é maxima quando ao dito chega a mostarda. Além d'isso podê considerar-se como um seguro indicador dos sentimentos de cada um; afilar o nariz é sinal de ue se não está satisfeito, e, mais ainda, torcer o nariz.

Quanto ás suas applicações elas são inumeras, a começar pela de nos guiar em todo o caminho ainda o mais tortuoso; caminhe-se sempre em frente do nariz e não haverá receio de errar. Serve para se lhe coçar a ponta quando ha qualquer preocupação séria; para indicar a temperatura do ambiente, segundo a côr que apresenta; para meter onje se não é chamado, facto qmuitos reprovam, mas que ás vezes não deixa de ser conveniente, etc.

Ha tambem quem diga que serve para cheirar, mas sob esse ponto de vista é que se deve considerar órgão de somenos importancia, visto que coloca o homem abaixo de outros animais, do cão, por exemplo, cuja sensibilidade narigal é immensamente superior á da especie a que não tenho honra nenhuma em pertencer.

Até á proxima semana.

Bonaparte

(Aluno do liceu Camões).

Imitação perfeita

Ha noites houve na Parede um serão muito interessante em casa do sogro do Marques, que vai á Parede assim que o calor aperta.

Gosou-se á ufa e uma das distrações que mais furor fez foi a imitação de animais por um cavalheiro da provincia de passagem na capital.

O homem imitou todos os bichos com perfeição; mas o cão foi imitado por tal forma, que o genero do dono da casa, entusiasmado, levantou-se e dirigindo-se ao imitador, perguntou:

—Como o senhor ladra! Mas com franqueza!—isso é realmente uma imitação?



JOSÉ PACHEKO

(Organizador da Galeria das Artes)

Foi ele quem abriu a Galeria Em casa do Bobone. E' arquiteto; E' sujeito muitissimo correto; No apelido põe k, por fantasia.

Por tudo, pois, merece esta poesia E certo logar que tenho por seletto, A maior prova de entranhado afeto Que hei por bem conceder, de mais valia.

Depois, fez uma coisa que desejo Que a fama grave, imensamente bela, Como nenhuma igual ha muito vejo,

E foi esta, tão grande e tão singela: Proporcionou ao Carvalhaes ensejo De vender, finalmente, uma aguarela!

BELMIRO.

Marques galá

Marques é um conquistador terrível. Deu agora n'isto.

Ha dias encontra uma linda pequena na rua da Padaria e diz-lhe á queima roupa:

—Desde este momento a tua casa corre por minha conta.

E ela:

Até quando?

Não te aflijas. Até eu me aborrecer de vêr outro correr para lá...

Boa resposta

N'um armazem de instrumentos musicos.

—Tem peças de musica?

—Não, senhor, só tenho pianos inteiros.

DAMA SABIDA



—Amo-a loucamente, minha senhora.
—Pois sim, mas não calo.
—Doidame-te, loucamente.
—S: o sr. estivesse louco. . . Sim, porque os loucos teem só uma mania e os outros teem-nas todas.

Reclamações do comercio

Um telegrama de Roma comunica que o ministro da Industria, em Italia, es'a elaborando um decreto contra o luxo das modas femininas durante a guerra.

Mal imagina o leitor quem pediu tal decret . Supõe que foram os pais e os maridos, assustados com as despesas das filhas e das esposas? Pois enganase: foram os proprietarios de lojas de modas.

—Como assim? pois os lojistas quem que os fregueses gastem menos?

Não, senhores. Querem, pelo contrario, que se disponham a gastar mais. O luxo actual consiste em usar vestidos com tão pouca fazenda que d'aqui a pouco as senhoras andarão nuas. Ora é isso que não convem a quem tem fazendas empataadas; de onde as reclamações e o decreto respectivo, que ordenará a modestia dos vestidos compridos, tanto a contar da cintura para baixo, como da cintura para cima.

Devedor flautista

—Não sei, meu caro amigo, não atino com o modo porque tu levas a vida. Dividas, dividas e mais dividas...

—E sempre dividas!

—E' verdade. Não compreendo como se possa viver assim.

—Mas vive-se.

—Mas como te arranjas tu para pagar essas dividas?

—Toco flauta...

—Não compreendo.

—Tapo um buraco e abro outro.

Entre casadas

—Tu acreditas que teu marido foi hontem á caça?

—Acredito.

—Mas ele não trouxe peça nenhuma.

—Pois é exactamente por isso.

Equivoco

Foi exonerado de vogal da comissão de censura á imprensa do Porto o veterinario sr. João Maria da Cunha Fajardo, por motivos que o respectivo decreto não diz, mas que, ao que parece tiveram origem no seguinte facto:

A nomeação daquele senhor para o cargo que por tão pouco tempo exerceu foi devida a uma lamentavel confusão.

Tratava-se, no ministerio competente, de nomear um membro para a comissão de remonta do exercito e outro, como jornalista, para a da censura; quem redigiu os decretos trocou os nomes dos membros e mandou o jornalista escolher bestas e o veterinario julgar artigos.

Emfim, a troca desfez-se, mas o equivoco teve algumas consequencias lamentaveis, hipica e literariamente falando, que nos abtemos de expôr, não vá a comissão de Lisboa riscar este innocentissimo *suelto*...

MANECAS AS CHARLOT



O *Laboratorio de Cinematografia Portuguez* contratou os nossos famosos Quim e Manecas.

Damos hoje a publico o primeiro ensaio dos noveis actores, que brevemente se exhibirão no *écran* d'um dos nossos melhores cinemas.



1.—Para ser como o Charlot, não é preciso se não ter um bigodinho e uma badine de sacudir tapetes.

2.—Para provocar o riso, basta deixar cair a referida badine e apanhá-la com um pé no ar.



3.—E para ter ainda mais pilheria, pesega-se uma estampilha nas ventas do parceiro que lhe faça ver as estrelas ao meio-dia;

4.—coça-se o nariz para dar tempo ao dito parceiro a preparar uma das engraçadíssimas brutalidades proprias do genero,



5.—que é executada com todos as ganas na caixa dos pensamentos

6.—e retribuida com infinita graça na caixa dos piro-litos.